

## EMPRESAS

## TÊXTIL

# Segures ganha nome alemão e “anexa” tecidos checos

**Apesar de ter adoptado o nome germânico, a “nova” Olbo&Mehler está cada vez mais portuguesa: contratou um CEO saído da Sonae e transferiu para Famalicão a produção de tecidos, usados no corrimão de escadas rolantes e frascos de insulina.**

**ANTÓNIO LARGUESA,  
EM FRANKFURT\***  
alarguesa@negocios.pt

Quando Alberto Tavares chegou à presidência executiva, em Setembro de 2014, a primeira decisão foi uniformizar o nome da própria empresa, sabendo que “muitas vezes essas questões mais formais também são importantes para aumentar a coesão da equipa”. Na viragem do ano, a Segures – designava o lugar da freguesia de Landim, concelho de Vila Nova de Famalicão, onde o grupo instalara uma fábrica em 1996 –, passou a chamar-se Olbo&Mehler, como na Alemanha, onde a produtora de têxteis técnicos mantém apenas os 18 vendedores.

Apesar do nome germânico agora bordado nos uniformes fabris e na lapela dos executivos, da base ao topo, a empresa do grupo Mehler, que pertence à KAP, cotada na bolsa de Frankfurt, está cada vez mais portuguesa. Na alta direcção, este gestor de 47 anos (que passara os anteriores 22 anos na Sonae Indústria) substituiu um alemão e juntou-se aos directores financeiro e de operações também portugueses. Tal como a responsável da equipa de inovação, composta por três engenheiras químicas e dois engenheiros de materiais.

No chão da fábrica de 30 mil metros quadrados no Norte de Portugal, as 800 a 1.000 toneladas de tecidos que os 275 trabalhadores produzem mensalmente seguem na íntegra para a exportação. No ano passado, os clientes alemães valeram 30% das vendas totais de 41,5 milhões de euros, sendo o maior deles o grupo Continental. Mais de metade do negócio ainda é assegura-



A fábrica de Famalicão, onde trabalham 275 pessoas, vai concentrar toda a produção de tecidos a partir de Junho.

rado pelos tecidos para as correias de transporte usadas na indústria mineira, com que a empresa fundada no século XIX pelo sr. Mehler entrou em Portugal, num investimento de 30 milhões de euros.

## Aposta à “prova de bala”

Em 1996, os alemães transferiram esta produção da Alemanha atraídos pelo “know how” têxtil no Vale do Ave e do Cávado, pelas infra-estruturas rodoviárias e portuárias e os incentivos ao investimento, com fundos europeus. Em 2012, além do espaço para expandir a fábrica, foi a qualidade dos jovens técnicos formados na Universidade do Minho e na Faculdade de Engenharia do Porto que “convenceu o grupo que era o local certo para concentrar” a produção de tecidos.

Em entrevista ao Negócios na Techtextil, a maior feira mundial de têxteis técnicos, que decorreu na semana passada e onde estiveram 20 empresas portuguesas, o CEO explicou que está concluída a transferência da produção de tecidos especiais que estava na fábrica da República Checa. Em Junho completa-se o esvaziamento da fábrica ale-

mã. Dois meses depois, serão gastos 2,5 milhões de euros numa linha de tratamento de tecidos, fechando o investimento global de dez milhões nesta operação.

Ao contrário do segmento mineiro, em que o factor de decisão é o preço, nesta área dos tecidos especiais os clientes industriais compram inovação. É em Segures que a Olbo&Mehler está agora a produzir tecidos para as correias de transmissão dos motores automóveis, para coletes à prova de bala e para os corrimões das escadas rolantes, sendo a fornecedora exclusiva dos austríacos que dominam 90% do mercado. A mais recente “conquista” foi o acordo com uma empresa dinamarquesa de capital americano que está a usar um “tecido muito especial” para fabricar a borraça dos frascos de insulina. ■

\*O jornalista viajou a convite da Olbo&Mehler

## PERGUNTAS A ALBERTO TAVARES

CEO da Olbo&Mehler

**“Têxtil é mais saudável do que era há 20 anos”**

**O líder da Olbo&Mehler reconhece a difícil competição pelo preço e desafia a “procurar novas vantagens competitivas”.**

**Como olha para o sector têxtil português?**

Passou de um sector extremamente ligado ao vestuário e têxtil tradicional e fez um trabalho, não muitas vezes reconhecido, de reconversão significativa, a nível tecnológico, de investimento nas pessoas, desenvolvimento de novos tecidos e aplicações. O sector hoje é muito mais saudável do que era há 20 anos, e com melhores perspectivas. Desviou o foco para áreas onde pode realmente ser competitivo.

**Quais são as novas vantagens comparativas?**

Nas correias de transporte, por exemplo, eu já tenho dificuldade em concorrer via preço com asiáticos e sul-americanos. A aposta tem de ser nos tecidos técnicos, inovação e novos segmentos para estar sempre um passo à frente dessas economias com custos de trabalho baixos e, muitas vezes, produtoras da matéria-prima. Temos de buscar as nossas próprias vantagens competitivas: conhecimento, abertura ao mundo e perceber a necessidade em várias partes do mundo, metermo-nos num avião e irmos à Argentina, Austrália, onde for preciso, para perceber o que é que os clientes procuram.

**E o que falta ainda ao sector?**

Profissionalizar as equipas de gestão e focar-se mais na produtividade, eficiência, melhoria contínua e redução dos desperdícios de tempo e materiais. Embora Portugal esteja melhor do que a nossa imagem no exterior, de um país pouco produtivo.